

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

SÔNIA DUARTE DOS SANTOS

LITERATURA INFANTIL E MEMÓRIA CULTURAL

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

SÔNIA DUARTE DOS SANTOS

LITERATURA INFANTIL E MEMÓRIA CULTURAL

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura”.
Orientador: Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



TERMO DE APROVAÇÃO

Literatura Infantil e Memória Cultural

Por

SONIA DUARTE DOS SANTOS

Monografia apresentada às 08:50, do dia 18 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Zama Caixeta Nascentes
UTFPR - Curitiba
(orientador)

Maurini de Souza
UTFPR - Curitiba

Nivea Rohling
UTFPR - Curitiba

DEDICATÓRIA

A todos os descendentes de Tibicuera, que continuam suas aventuras pela Terra Brasilis,
antiga Pindorama.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus único e criador de todas as tribos, povos e raças;

Ao meu esposo e filhos pelo incentivo aos estudos;

Aos meus colegas de turma, que foram companheiros durante este período de estudo;

Ao orientador Zama Caixeta Nascentes pela atenção para com esta pesquisa;

A todos que integram a UAB, Polo de Indaial;

À coordenação e corpo docente da EAD de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura (CAPES/UTFPR-CT).

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa é de natureza descritiva, tendo como objetivo analisar uma obra da literatura infantil que trata da preservação da memória cultural de um povo. A análise teve como objeto de pesquisa a obra literária *As Aventuras de Tibicuera, que são também as do Brasil*, de Érico Veríssimo. Para tanto, inicialmente foi feita a leitura da obra e, a seguir, buscou-se conceituar literatura, memória e cultura. Finalmente, passou-se à análise dos procedimentos textuais e fenômenos ali inseridos pelo autor na narrativa, envolvendo o comportamento e as reações ali refletidas no personagem principal por meio da contraposição com outra cultura. A metodologia utilizada é qualitativa de cunho bibliográfico. Conclui-se que a preservação da memória do povo Tupinambá ocorre por meio da transmissão oral, de pai para filho. Já a preservação da cultura brasileira ocorre na leitura de obras memoriais, sejam lúdicas, sejam pedagógicas, voltadas para o público infantil, com atenção para a linguagem, as ilustrações, com narrativas voltadas ao imaginário da criança. Verificou-se a alteridade produzida no tempo e espaço trilhados pelo personagem, com base em suas origens e antepassados a partir do diálogo com o outro e a aculturação.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Cultura; Memória.

ABSTRACT

The present research work is of a descriptive nature, was aiming to analyze a children's literature work that deals with a people's cultural memory preservation. The object of the analysis was the literary work *The Adventures of Tibicuera*, which are also the ones of Brazil by Erico Veríssimo. Therefore, the work was initially read and then, we sought to conceptualize literature, memory and culture. Lastly, we proceeded to analyze the textual procedures and phenomena inserted by the author in the narrative, involving the behavior and the reactions reflected in the main character through the contrast with another culture. The methodology used is qualitative in bibliographic terms. It is concluded that the memory preservation of the Tupinambá people occurs through oral transmission, from father to son. On the other hand, the preservation of Brazilian culture takes place in the reading of memorable works, whether playful or pedagogical, aimed at the children's audience, with attention to the language and illustrations, with narratives focused on the child's imagination. It was verified the alterity produced in the time and space trodden by the character, based on its origins and ancestors from the dialog with the other and the acculturation

Keywords: Children's Literature; Culture; Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do Livro As aventuras de Tibicuera, edição de 1975.....	13
Figura 2: Índios Tupinambás.....	17
Figura 3: Desenho de Ernest Zeuner.....	19
Figura 4: Cerimônia Religiosa de índios Tupinambás.....	23
Figura 5: Maloca.....	24
Figura 6: Tibicuera e a caveira.....	25
Figura 7: Ilustração do capítulo 11, “O Segredo do Pajé”, da edição de 1963.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	Literatura Infantil	11
2.2	Memória	15
2.3	Cultura	17
3	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	19
3.1	Hábitos	21
3.2	Costumes	24
3.3	Lendas e Crenças	26
3.4	Valores: Respeito aos Mestres; União entre pais e filhos	29
3.5	Heranças Religiosas	32
3.6	Meio de transmissão cultural	37
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A literatura, como disciplina, teve seu início nas grandes universidades da Inglaterra, no final do século dezenove (Oxford) e início do século vinte (Cambridge).

Para o Crítico F. R. Leavis (1895-1978):

[...] O conjunto das obras que formam a grande tradição da literatura de um país é o acervo que preserva os grandes valores da humanidade. Aprender literatura é ser treinado a reconhecer e propagar esses valores. Essa tarefa é especialmente urgente em um momento em que a cultura se modifica, com, por exemplo, (...) a expansão dos meios de comunicação que concorrem com a literatura na tarefa ideológica de construir os significados e valores de uma sociedade (*Apud* CEVASCO, 2003, p.321).

Leavis defendia a ideia de que o ensino de Literatura tem o poder de articular, por meio da linguagem humana, passado e presente, constituindo assim a cultura própria de uma sociedade.

Já o contexto do surgimento dos Estudos Culturais faz referências ao segundo pós-guerra, quando a sociedade britânica conscientiza-se da necessidade de inclusão de grupos minoritários e classes pertencentes à massa, que não tinham oportunidade de expressão. A educação recebe a incumbência de reverter este quadro, possibilitando a socialização com os meios de comunicação e quebrando a “força delimitadora” entre literatura culta/literatura de massa/ literatura popular.

Assim, atualmente, no pós-moderno, as diferenças podem coexistir trazendo como relevante o conceito de Multiculturalismo (SEMPRINI, 1999). Considera-se válido o hibridismo e a intertextualidade.

O tema do presente trabalho, literatura infantil e o resgate da memória cultural de um povo, têm como intermediária a história vivida por uma sociedade. História que é retratada pela literatura como memória dos costumes, hábitos e crenças de seus antepassados. Diante disso, buscamos entre vários títulos nacionais um que abordasse narrativas de história, dentro desta temática, para o público infanto-juvenil.

A obra literária escolhida foi a do autor Érico Veríssimo: *As Aventuras de Tibicuera que são também as do Brasil*. Nosso objetivo é analisar essa obra da literatura infanto-juvenil verificando como ela lida com a questão da memória cultural. A pergunta a ser respondida nesta pesquisa é: Em que medida o povo (grupo cultural) representado na obra tem a sua memória preservada ou perdida?

A pesquisa é de cunho qualitativo por priorizar a explicação do “por que das coisas” e buscar descrever e interpretar os fenômenos presentes no objeto de análise (SILVEIRA; GERHARDT, 2009, p. 31). A metodologia de pesquisa a ser adotada é a pesquisa qualitativa descritiva, cujo alvo é buscar compreender a questão relacionada a um grupo social, a partir da narrativa literária de um livro infanto-juvenil. Neste tipo de pesquisa, segundo Minayo (2001), o processo de investigação procura “descrever, compreender e explicar” significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes presentes nas relações e processos decorrentes destas relações, existentes no enredo literário. Quanto ao procedimento, far-se-á “uma pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p. 32).

Sendo assim, no referencial teórico adotou-se explorar bibliograficamente os conceitos escolhidos como palavras-chave. Na análise da obra literária em foco, optou-se por selecionar no texto as citações do autor que tenham referência aos hábitos, costumes, lendas e crenças, valores, heranças religiosas e meios de perpetuação da memória cultural. Isto porque, são essas características presentes na narrativa que irão determinar e identificar a cultura do povo, em evidência no livro, a ser preservada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Érico Veríssimo (1905 e 1975) é considerado o primeiro escritor gaúcho dedicado à literatura infantil. Veríssimo tinha suas peculiaridades ao historiar para o

público infantil, conforme afirma Diana Marchi (2000), construindo seus personagens infantis como os próprios heróis das tramas.

2.1 LITERATURA INFANTIL

Souza Mota, em sua pesquisa sobre a produção de literatura infantil nas décadas de 30 e 40, cita o autor de *Aventuras de Tibicuera*, como um autor de obras voltadas ao público infantil para uso nas escolas:

As temáticas e a forma como o mesmo estrutura a narrativa trazem “indícios” de um direcionamento pedagógico relacionado à linguagem, aproximação com o cinema, que demonstram uma preocupação do autor com o público para o qual escreve e, mais do que isso, uma ligação com os encaminhamentos pedagógicos da Escola Nova onde, no processo de aprendizado, há a ênfase na associação com o social (2013, p. 5,6).

Érico Veríssimo, além de escritor, também era contador de histórias produzidas por ele num programa de Rádio em Porto Alegre. No entanto, o programa durou pouco, conforme Zugno:

O programa na Rádio Farroupilha de Porto Alegre começou em 1936 e foi retirado do ar em 1937 porque a política do Estado Novo considerava suas histórias “perigosas”. Isto pode parecer contraditório se considerarmos que na mesma época ele receberia um prêmio pelo livro *Aventuras de Tibicuera*. Acontece que o governo autoritário de Vargas estava sempre colocando em cheque as intenções daquelas pessoas, que se projetavam no cenário nacional e que poderiam influenciar as novas gerações (2007, p.40, nota de rodapé).

Logo após este acontecimento, em 8 de julho de 1936, foi formada pelo Ministério da Educação a *Comissão Nacional de Literatura Infantil*, para elaborar diretrizes concernentes à Literatura Infantil brasileira. A Comissão tomou decisão quanto ao lançamento de um concurso, segundo Zugno:

Na reunião do dia 15 de julho, portanto uma semana depois da criação do novo órgão, o presidente da Comissão, Murilo Mendes, já enviava uma correspondência ao Ministro Capanema solicitando sua opinião sobre um concurso de livros infantis para premiar os três melhores produzidos no ano de 1936. Foi a partir da aprovação dessa ideia que a Comissão lançou o edital de um concurso de livros para crianças, de três faixas etárias: até sete anos, de oito a dez anos e para mais de dez anos (2007, p. 52).

Entre os livros vencedores estava *Aventuras de Tibicuera* para a faixa de idade entre 10 e 13 anos, pois na avaliação da comissão, ele contemplava as intenções de dois segmentos e os objetivos estabelecidos: [...], a da comissão, que era estimular a produção literária de autores nacionais, para crianças; [...], a do governo, que era homogeneizar a cultura e criar uma identidade brasileira (Idem, p.55).

Há um teor pedagógico, unindo o aprendizado à fantasia, pois se trata de uma ficção. É exatamente neste período, no ano de 1937, que a primeira edição da obra em foco nesta pesquisa é publicada. O olhar sobre a literatura infantil, antes utilizada somente como meio de educação moral e cívica para os futuros cidadãos do país, passa a ser produzida com um novo olhar sobre o leitor mirim.

Assim, o autor se preocupava com a linguagem acessível aos leitores e com os avanços cinematográficos da Disney, procurando ilustrar suas histórias, tornando-as atraentes ao seu público alvo.

Tanto a narrativa oral quanto a leitura da escrita e o mundo visual das imagens são ferramentas capazes de potencializar o fluxo da memória e da criatividade nas nossas formas de aprender e (com)preender a linguagem. São movimentos descontínuos no exercício da própria linguagem, movimentos estes que se inter-relacionam dialeticamente e dialogicamente: lendo, escrevendo, falando, ouvindo ler. (...) 'ler' significa, como na Castela do Século de Ouro, ouvir ler. (CHARTIER 1995, *apud* PORTO, 2011, p.209, 210).

Em seu trabalho *A Estética da Recepção Infantil* (2007, p. 4), Mesquita declara que a literatura infantil apresenta à criança um mundo fragmentado, seja na sociedade, no viver, na sua realidade próxima ou distante, muitas vezes inatingível, utilizando-se de figuras ou simbologias que levam à fantasia.

Para o Ministro Capanema, a formação do Estado Nacional passaria necessária e principalmente pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. A escola seria o canal certo para entrar nas casas dos alunos e os textos literários funcionariam como extensões das palavras do professor, além do ambiente da escola. E foi dentro dessa perspectiva formadora que a literatura infantil pode estabelecer um compromisso com a educação, no Estado Novo, pois se o termo *novo* já constava na identificação do regime político que se instalava no Brasil, também o *novo* deveria aparecer nas diversas

formas de arte e conseqüentemente na literatura (ZUGNO, 2007, p. 42).

Entre as características distintivas da Literatura, percebe-se a escolha de expor um discurso contrastante com o politicamente correto. Se verificarmos atentamente suas nuances, identificaremos mais como “uma alternativa a esse discurso, oferecendo novas possibilidades de interpretação dos acontecimentos históricos, uma forma diferente de se enxergarem os acontecimentos e os personagens da história, podendo apresentar pontos de vista outros que não o dos vencedores” (RODRIGUES, 2012, p. 90).

Logo, essa forma de ver diferente da já existente, postulada nos livros de estudo, demonstra a existência de outras versões de fatos presentes na narrativa. No entanto, havia no Estado Novo lugar para verificação da qualidade e aceitabilidade da produção literária infantil, questionários avaliativos a serem preenchidos pelos pais, professores e educadores.

Portanto, atentar para como esse debate está se configurando na obra literária para a criança é ver como o mesmo é plural, composto por ruídos, como são variados os locais que entram em conflito em busca da possibilidade de poder dizer. **No âmbito educacional durante os anos da Era Vargas, Igreja, Estado, forças armadas, intelectuais são alguns dos locais que tentam, se não se tornarem o discurso dominante,** ao menos, não perder sua parcela de participação – quando não é possível aumentar a mesma (MOTA, 2013, p. 13).



Figura 1: Capa do livro, edição 1975.

Erico Veríssimo relata em seu livro *Solo de Clarineta: memórias Tomo I*, que publicou “um pequeno livro para crianças, *As aventuras de Tibicuera*, cuja edição exigiu grande parte do seu tempo e dedicação.

Meu objetivo fora contar, paralelamente com as proezas dum índio imortal, as aventuras do Brasil. A coisa acabou sendo uma versão oficial escolar da História do nosso país. A História *verdadeira* de qualquer nação do mundo jamais poderá ser contada (VERÍSSIMO, 1978, p.263, grifo do autor).

Nas entrelinhas, podemos entender que Veríssimo questionava a versão da história transmitida ao povo pelos historiadores, pelo ponto de vista dos descobridores. Zugno vai além, trazendo-nos a intenção e objetivo do próprio autor ao escrever “que era escrever a História do Brasil para as crianças de modo que lhe trouxesse rendimentos financeiros, mas que também servisse para questionar a história do ponto de vista do povo, que era o que Tibicuera representava (2007, p. 53,54).

2.2 CULTURA

O conceito de Cultura engloba um conjunto de valores, significados, tradições e crenças que no seu todo proporcionam a construção da identidade cultural de um povo. “A cultura é parte do que somos, nela está o que regula nossa convivência e nossa comunicação em sociedade”, conforme declaração de Lucas de Oliveira Rodrigues.

Os elementos próprios de uma cultura conduzem o homem na reflexão de si mesmo e do povo a que pertence. Com os demais grupos, num encontro com outras culturas, existe o desafio de interagir com o outro, dialogando e interagindo.

O contato com culturas diferentes também modifica alguns aspectos de nossa cultura. O processo de **aculturação**, onde uma cultura absorve ou adota certos aspectos de outra a partir do seu convívio, é comum em nossa realidade globalizada, onde temos contato quase perpétuo com culturas de todas as formas e lugares possíveis (RODRIGUES, 2015, s. p.).

No encontro com o outro, haverá apropriação e reemprego do que nos é comunicado. Conforme Bakhtin, sempre haverá reação ao que é dito:

Na verdade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de

um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN, 1986, p. 95).

Ressalta-se, que o tempo e as circunstâncias que envolvem as pessoas de um determinado grupo social, também possuem esse poder gerador de mudanças, pois não são estáticos! O despertar de algum tema ainda não esclarecido levará a reflexão do que é dito sobre ele e haverá uma atitude a ser tomada com relação ao que foi declarado.

Faraco (2003, p.22) acrescenta:

O mesmo mundo, quando correlacionado comigo e com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquetonicamente ativas, no sentido de que elas são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade) que cada um orienta seus atos.

Cada um de nós possui uma visão de mundo própria de sua realidade vivenciada. No encontro e troca de ideias com o outro, cada um terá um significado e imagem própria relacionada aos seus conhecimentos prévios adquiridos ao longo de sua caminhada de vida. Nesta contraposição de ideias, cada um tem sua reação: pode ser de soma, de rejeição ou alteridade até onde tal ideia traga sentido, gerando mudanças em parte daquilo que já conhecia.

2.3 MEMÓRIA

A memória de um povo está diretamente ligada ao cotidiano vivido através de anos a fio. Os costumes e hábitos, tal como as visões de mundo de cada povo, tem suas bases milenares, nos antepassados.

A sobrevivência destes conhecimentos e perpetuação de suas ideias e hábitos perpassam por uma ação transmissora permanente.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. (NAVA, 1974, p.17)

A questão a ser analisada está em verificar se há essa preocupação de transmissão dentro da vivência do povo historiado na obra em foco. Que meios são usados para essa transmissão? E se os resultados são satisfatórios?

Ao narrar, estamos sempre no entorno e no centro, pois o sujeito que narra não conta a história de si mesmo sem narrar a história dos que viveram com ele, dos que lutaram com ele, dos que caíram com ele, dos que foram silenciados com ele, dos que voltaram a falar com e através dele. Nessa percepção, o sujeito que narra literariamente num determinado Tempo é Espaço, dilatado ele também como um coletivo de vozes, um ser plural, uma legião, pois dele ouviremos e/ou leremos as ressonâncias de um ou vários grupos sociais com os seus mais distintos signos, toda uma poética que, singular, é plural. (PORTO, 2011, p.200).

A pesquisadora declara que a narrativa de memória discorre não sobre a autobiografia do personagem, mas esta dentro da história de seu povo, sendo a sua voz a comunicação de todos, ressoando valores, símbolos significativos e crenças passadas de geração em geração.

Dessa forma, as narrativas que provém da materialidade do discurso oral e memorialístico tornam-se um dos acessos à busca do homem pela significação da sua existência no mundo e com o mundo, a partir da constante relação social que mantém com os outros no seu cotidiano. Nós existimos com. E é assim que nos lançamos ao

passado, tentando muitas vezes recompor nossa linhagem, no nosso próprio universo mítico. A narrativa memorialística do contar, do narrar sua história, do refletir-se na história do outro, reascende o fogo primitivo e mítico que sobrevive num sujeito contemporâneo muitas vezes atrelado à massificação das experiências e ao esvaziamento dos sentidos (PORTO, 2011, p.206).

A veracidade desta declaração vem de encontro com o que se está examinando neste trabalho, no sentido de que a leitura da obra *Aventuras de Tibicuera*, desperte no público infanto-juvenil a reflexão sobre os seus antepassados, seus costumes, crenças e busquem compreender os seus significados a serem perpetuados por eles e transmitidos aos seus filhos.

O importante nesta transmissão é o interesse de conhecer e valorizar suas raízes. No mundo pluralizado e diversificado que vivemos, devemos estar abertos ao outro, sem abrir mão da cultura local, do que somos como povo.

As Aventuras de Tibicuera, de Érico Veríssimo (1978), [...]. Esse livro não tem exatamente como protagonista uma criança ou um adulto contando suas memórias de infância. A história é contada como livro de memórias, as memórias de Tibicuera, que consegue “vencer o tempo” e percorrer toda a “história do Brasil”. De fato, *a vida do índio se mistura com a vida da nação* (MOTA, 2013, p. 85, grifo nosso).

O encontro da cultura indígena com a cultura do outro que chegou a Pindorama, fez o índio se posicionar como povo Tupinambá.

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 121).

Logo, o sentido resulta da interação verbal entre os sujeitos. Tibicuera teve a experiência de contraposição eu versus o outro. Primeiro com o pajé, depois diante do lago, o espelhamento e mais adiante, no tempo, mas num espaço ampliado, fora de sua tribo, porém ainda Pindorama, com outra cultura, o diferente que o fez refletir e afinal se refratar, ou seja, se posicionar dando sua resposta valorativa.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Erico Veríssimo narra a história do Índio Tibicuera, da tribo *Tupinambá*, que segundo Eduardo Bueno, pesquisando Teodoro Sampaio, o termo *Tupinambá* “é oriundo do tupi tubüb-abá, que significa ‘descendentes dos primeiros pais’...”¹.



Figura 2: Família Tupinambá²

Em sua introdução, Veríssimo esclarece que o próprio Tibicuera contará suas aventuras, que “no fundo ele conta também um pouco das aventuras do nosso Brasil”. Chama ainda a atenção para algo “fantástico”: que “Tibicuera tenha conseguido atravessar vivo e rijo mais de quatrocentos anos” de história, pois o enredo inicia antes do ano 1.500, quando chegara a frota portuguesa em nossas terras e termina no ano de 1942, em pleno século XX.

Constata-se, nesta apresentação, a figura do índio, representante das primeiras gerações da sociedade brasileira. Tal personagem tem o papel de transmitir dados históricos ocorridos ao longo de quatrocentos anos de forma envolvente, através de alguns recursos textuais como a descrição detalhada da cena em que o enredo de cada capítulo se desenrola. Exemplo disso está no quarto capítulo intitulado “O meu encontro com Anhangá”:

¹**Tupinambás** é o nome de um povo [indígena brasileiro](#) que, por volta do [século XVI](#), habitava duas regiões da costa [brasileira](#): a primeira ia desde a margem direita do [rio São Francisco](#) até o [Recôncavo Baiano](#);^[1] a segunda ia do [cabo de São Tomé](#), no atual [estado do Rio de Janeiro](#), até [São Sebastião](#), hoje o estado de [São Paulo](#). Esse segundo grupo também era denominado de [tamoió](#).^{[2][3]} Ao todo, ambos os grupos compunham-se de 100.000 indivíduos e eram a nação indígena mais conhecida de toda a [costa brasileira](#) pelos navegadores europeus do século [XVI](#).^[1] Atualmente, o principal grupo tupinambá reside no sul do estado da [Bahia](#): são os [tupinambás de Olivença](#).

²Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=Tupinambá&tbm=isch&tbs=rimq>

Um dia, distraído a perseguir um bicho, me meti no matagal. Quando caí em mim, estava perdido. Comecei a caminhar sem rumo certo, procurando uma saída. Via ao meu redor troncos de árvores tão grossos e retorcidos que me davam medo. Pareciam braços musculosos prontos para me esmagar. O sol mal entrava ali, porque a folhagem formava por cima da minha cabeça um toldo verde e espesso. (VERÍSSIMO, 2005, p. 20,21).

Além disso, o autor menciona os fatos cronologicamente de forma cativante, unindo a sua reação ao acontecido, dando um ar de mistério, que leva o leitor a continuar a leitura para saber o que realmente aconteceu:

... Ouvi longe o ronco duma onça. Estremeci. Um pássaro piou. Tremi de novo. Um graveto estalou. Tornei a me sobressaltar. Às vezes uma coisa mole e comprida passava ondulando pelo meio das ervas rasteiras. Cobra. Eu sentia calafrios (*ibidem*).

Trata-se de uma ficção adornada de aventuras que tornam a leitura atraente aos seus leitores, principalmente aos da faixa de juniores entre 7 a 15 anos. A apresentação dos personagens que dela participam aguça a imaginação de quem lê a ponto de o mesmo se sentir presente no que é exposto:

De repente um vulto cresceu diante de mim. Era uma figura esquisita, meio gente, meio bicho, preta como a noite, de olhos chispantes que pareciam duas fogueiras. Pulava num pé só, doidamente. Abri a boca num espanto. Era Anhangá! (*Idem*, p. 21).

Descrição detalhada que gera um mistério e uma curiosidade sobre o que virá a ser aquele vulto! Finalmente o autor declara quem é e deixa o suspense.

Outro procedimento utilizado pelo autor foi colocar em cada capítulo, o desenho em branco e preto, nas primeiras edições, e em edições seguintes foram acrescentadas figuras coloridas das imagens descritas no texto. Muito próprio, pois o visual concorre positivamente para a fixação e compreensão do que está sendo informado pelo texto. Todos esses recursos textuais contribuem para que o público leitor infante-juvenil cultive o hábito da leitura. “A palavra funciona como veículo para a leitura, mobilizando a percepção sensorial, o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos, bem como dos seus grupos sociais de pertença” (ARAÚJO COSTA *et all*, 2017, p.02). Ou seja, a leitura de livros cujo conteúdo traz informações de sua origem, cultura, hábitos e costumes de seus antepassados, coopera para a construção do processo de identidade e memória das crianças.



Figura 3: Desenho de Ernest Zeuner no livro *As Aventuras de Tibicuera*³

3.1 Hábitos

O livro procura retratar a vida vivida antes da chegada dos portugueses:

Naquela hora não existia Brasil, mas sim **a nossa terra**, por nós chamada Pindorama, - terra boa e grande, onde nossa tribo e muitas outras corriam, livres, acampando aqui e ali, caçando, pescando, dançando, guerreando...(VERÍSSIMO, 2005, p. 31, grifo nosso)

Nesta citação do livro “As aventuras de Tibicuera”, temos a fala do morador destas terras, antes dos portugueses chegarem. Ele diz: “... não existia Brasil, mas sim **a nossa terra**, por nós chamada Pindorama,...” . Logo, o Brasil não foi descoberto pelos portugueses! Havia aqui um povo que habitava, e como diz Tibicuera usando o pronome possessivo “nossa”, a terra lhes pertencia e já tinha nome: Pindorama! Em seguida, Tibicuera faz saber as atividades com que se ocupava a sua tribo Tupinambá e outras que também viviam por aqui naqueles tempos.

Informa que “... corriam livres...”, o que denota escolha de moradia e mudança para onde e quando quisessem no vasto território de Pindorama. Caçavam na floresta e pescavam em rios e mares, pois a natureza era rica e tudo lhes pertencia sem perigo de extinção.

³ Fonte: <https://br.images.search.yahoo.com/search/images>

Os povos que habitavam Pindorama viram “velas no mar”:

Um homem vira coisas estranhas no mar. Por isso estava gesticulando, gritando, chamando os companheiros... **O chefe da tribo armou os seus guerreiros. Fomos todos para a beira do mar. O nosso espanto foi enorme.** Abria-se na nossa frente a grande baía. Dentro dela, balançando-se de leve, estavam pousadas umas doze ou treze embarcações como nunca tínhamos visto em toda a nossa vida (*Idem*, p. 29).

O autor dá liberdade ao personagem para noticiar, do ponto de vista indígena, como tudo aconteceu. Admiraram-se perante as grandes embarcações, pois as deles eram fabricadas por eles mesmos, de troncos de árvores, rasos e compridos, mas nem por isso, deixavam de ser engenhosamente construídas. Naturalmente que o diferente e desconhecido atrai a atenção.

Vi os portugueses chegarem. **Tomaram conta da terra.** Plantaram a cruz. Rezaram duas missas. De novo se fizeram ao mar. E não compreendi que se tratava do descobrimento do Brasil.

A vida para mim continuou a ser a mesma de antes. Correrias pela beira do mar. Guerras. Aventuras. Nasciam crianças na Taba. Os velhos morriam. Vinham grandes chuvas. Passavam-se luas e sóis. E o tempo seguia na sua marcha misteriosa, como uma espécie de grande cobra sucuri que vai deslizando, sem mostrar a cabeça nem a ponta do rabo, isto é: um monstro sem princípio nem fim (VERÍSSIMO, 2005, p. 41).

Eles se sentiram invadidos em sua terra, tanto que o chefe da tribo teve a atitude de chamar e armar seus guerreiros! Ironicamente, o título deste capítulo é “A história é uma maravilha”. Neste capítulo, ele repassa um trecho lido em *Pequena história do mundo* de H. G. Wells, famoso escritor inglês: “A história do mundo é ainda muito imperfeitamente conhecida. Há coisa de um par de séculos os homens só eram senhores da história dos últimos três mil anos. O que havia acontecido antes era objeto de lenda e especulação.” Em outras palavras, a versão que ficou foi a do Europeu. A fala do índio, por séculos foi desprezada. Não quiseram ouvir suas cantigas, nem valorizaram sua língua para compreenderem o que eles tinham a contar.

Se a história é escrita pelos vencedores, os bens culturais que sobrevivem ao tempo são também aqueles provenientes do grupo vencedor. Como Benjamin afirma, não há cultura sem barbárie, isto é, não há como, historicamente, dar-se destaque a um bem cultural se não houver uma desvalorização e até aniquilação de outros. (RODRIGUES, 2012, p.13).

Com esta visão, a pesquisadora declara que “O discurso literário pode funcionar tanto como alegoria confirmadora do discurso da história, quanto como alegoria de um discurso da alteridade”(Ibidem). O regime de governo do Estado Novo pretendia com os livros do concurso para uso didático, formatar nos futuros cidadãos brasileiros uma identidade nacional. No entanto, o autor Érico Veríssimo, apesar de ter seu texto aceito pela comissão, tinha suas intenções também ao redigir a obra, conforme visão de Zugno: “escrever a História do Brasil para as crianças de modo que lhe trouxesse rendimentos financeiros, mas **que também servisse para questionar a história do ponto de vista do povo, que era o que Tibicuera representava** (2007, p. 55, 56, grifo nosso).”

Hoje, já houve avanços neste sentido, pois se inicia uma Literatura Indígena Brasileira, porém:

Nesse contexto positivo para as comunidades indígenas brasileiras, faz-se necessário lembrar que, mesmo estando no início do século XXI, nossa sociedade ainda vive na desinformação e no desconhecimento da história e da realidade sobre sua população nativa. Poucos sabem que ainda hoje existem pelo menos 50 grupos indígenas que jamais mantiveram contato com o homem branco e que, apesar de terem sido quase três milhões de habitantes no período do “encontro” com o europeu, em 1500, hoje não passam de 326 mil.(SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p.341).

Antes das tropas portuguesas desembarcarem em nossas praias, muita coisa já estava acontecendo por aqui. A população indígena era na casa dos três milhões. Não há necessidade de especulação! Tibicuera é testemunha ocular e nos conta de primeira mão como era a vida em Pindorama!

Contudo, o autor chama-nos atenção para dois fatos interessantes: No capítulo oito sobre o conselho do pajé ao chefe da tribo, quando da reação no momento da invasão portuguesa:

O chefe tupinambá quis reunir seus homens para o combate. Mas o pajé veio, olhou, sorriu e botou a mão no ombro do chefe:
- Não vai haver guerra. Eles vão nos divertir.
Não disse mais nada (VERÍSSIMO, 2005, p. 31).

Tal atitude do pajé, respeitado pelo chefe e todos os índios, foi uma abertura pacífica para os invasores. Até para a aceitação, a princípio, diga-se de passagem, da catequização.

O outro episódio interessante, que mais adiante será analisado, é quando Tibicuera faz referência a sua primeira impressão diante do símbolo religioso dos portugueses, a cruz:

Dias depois os portugueses saíram em procissão, levando dois pedaços de madeira formando uma cruz. Plantaram-no a pouca distância do mar. Celebrou-se nova missa.

Uma noite, enquanto todos dormiam, fui olhar a grande cruz. A noite estava clara. Imaginei-me diante dum gigante negro de braços abertos. **Sentia qualquer coisa que não sabia dizer o que era. A cruz me deixava mudo, com um peso no peito.** Naquela noite dormi à sombra dela (VERÍSSIMO, 2005, p. 33).

A cruz o atraiu, impactou-o com seu poder dentro do peito, dentro do coração. Logo, aquele símbolo religioso estava carregado de um significado ainda secreto para Tibicuera.

3.2 Costumes

No relato sobre as noites na aldeia, temos a descrição de um dos rituais da tribo tupinambá:

À noite eu via as danças dos índios ao redor de uma grande fogueira. Os tupinambás pulavam, faziam roda, rebolavam as ancas, erguiam os braços, batiam com os pés no chão. A fogueira lambia a noite com línguas de muitas cores. De dentro dela saltava um clarão que devorava a luz do luar, pintava de fogo a cara dos guerreiros e ia bolir com o mato que estava dormindo.

Os guerreiros dançavam sempre. Os tambores batucavam – bum-qui-ti-bum, bum-qui-ti-bum, bum-qui-ti-bum... Eu olhava para o céu. A lua parecia uma fogueira branca e as estrelas eram os índios dançando ao redor dela. (VERÍSSIMO, 2015, p. 15).

Nesta passagem vemos a fogueira para clarear a noite e as danças com grande significado. Os espíritos os amedrontavam bulindo com o mato e eles dançavam e batucavam os tambores para afugentá-los ou amansá-los.

Tupinambá



Figura 4: Cerimônia religiosa de índios tupinambás em gravura de [Theodor de Bry](#)⁴

Com estas declarações, Tibicuera vem revelar a memória de seu povo: a vida cotidiana, os dias, as estações com nascimentos, aventuras, guerras, e o tempo seguindo seu ritmo normal, enquanto gerações se vão e outras gerações assumem seus lugares. E ele continua sua narrativa:

Um dia os tupinambás foram para a guerra. Os tambores soaram com raiva. O eco respondeu longe. O Page reuniu o conselho. Os guerreiros prepararam suas armas. Movimentaram-se os tacapes, os arcos, as flechas e as lanças. Depois os guerreiros entraram no mato. Só ficaram na taba os velhos, as mulheres e as crianças (VERÍSSIMO, 2005, p.15).



Figura 5: Maloca⁵

⁴ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tupinamb%C3%A1s>

⁵ Os **tupinambás** moravam em malocas. Cada grupo local ou "tribo" tupinambá se compunha de cerca de 6 a 8 malocas. A população dessas tribos girava em torno de 200 indivíduos, mas podia atingir até 600.

No capítulo três, intitulado “O mistério da caveira”, Tibicuera faz referência a um fato que lhe impressionou, sendo ainda criança, quando os guerreiros de sua tribo voltaram da batalha vitoriosos. Era costume matar o chefe da tribo inimiga e trazer a cabeça, como se fosse um troféu. Informa que muitos prisioneiros foram trazidos também. Os prisioneiros eram devorados em rituais antropofágicos.

O que o impactou foi a cabeça sem corpo, ou seja, a caveira! Escreve: “Que cara horrível! Eu queria fechar os olhos ou olhar para outro lado, mas não podia. O crânio do chefe inimigo me atraía, me chamava, me prendia...”(VERÍSSIMO, 1975, p. 4).

A imagem deixou-o tão perturbado, que teve pesadelo com ela a ponto de acordar hipnotizado e ir de madrugada até onde ela fora pendurada pelo chefe. Retirou-a de lá e tomando o crânio em suas mãos, sentou-se na areia da praia fitando os olhos nela, ainda que em seu coração estivesse sentindo grande medo.

Queria decifrar o mistério daquela cabeça sem vida. Queria... Queria...
Queria...
Que era aquilo? Cheguei a gritar para o céu. Que era aquilo?
O mar continuou gemendo, o vento uivando, as aves piando. Mas nada, ninguém respondia à minha pergunta (*Idem*, p. 5).



Figura 6: Tibicuera e a caveira⁶

O nome do menino Tibicuera, estava relacionado àquela caveira: cemitério, lugar onde se levam os mortos. Havia uma ligação entre eles... Mas naquela idade, ele não conseguia compreender. Porém, mesmo sem compreender, aquilo lhe intrigava, e ele queria descobrir o mistério da cabeça desmiolada, sem cérebro! Desejava uma resposta para as suas indagações!

⁶ <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/modos-de-vida-dos-tupinamba-ou-tupis.html>

3.3 Lendas e Crenças

Além de uma descrição generalizada, Tibicuera se detém mais detalhadamente em lendas como Curupira e Anhangá, chamados de maus espíritos pelo pajé. Conta-nos também o preparo dos guerreiros para uma guerra contra a tribo inimiga Goitacazes:

Muito tempo passou. Fiquei *coromiaçu*, que quer dizer adulto. Chegou a véspera da minha primeira guerra. Os tupinambás se enfeitaram de plumas, botaram no pescoço colares feitos com dentes de inimigos mortos, armaram-se de arco, flechas, tacapes e lanças.

Eu me lembro como se isto tivesse acontecido ontem ... Era noite. Céu sujo, vazio de lua e de estrelas. As fogueiras ardiam debaixo dos potes de cauim. O maracá começou a chocalhar. (...)

O pajé reuniu os guerreiros no meio da ocara. **Falou. Sua voz parecia sair do fundo duma caverna cheia de cobras, escorpiões e morcegos. E enquanto o feiticeiro falava, as nuvens foram se abrindo e as estrelas aparecendo uma a uma.**

- Guerra! - gritava o pajé. – O guerreiro forte que ficar na taba é covarde. Penas e braços dançaram no ar. Um coro de vozes repetiu: - Guerra!

O pajé continuou: - o Goitacá (inimigo) traiçoeiro comeu a carne de nossos antepassados. Vingança!

O discurso do pajé durou cinco horas. Depois os Tupinambás começaram a dançar e a beber cauim. Também dancei e bebi. E a madrugada ainda não tinha clareado quando nos pusemos a marchar (VERÍSSIMO, 2005, p. 23).

Desde os primórdios, o homem sente a necessidade de preservar sua memória, fosse de forma oral, em desenhos ou mais recentemente em códigos. Sem a preservação da memória “a existência de um grupo social seria impossível...” (LODOLINI, 1990 apud JARDIM, 1995, p. 4). Assim, o pajé era o arquivo vivo da memória do seu povo. Ele fala de coisas que estão guardadas desde seus antepassados, por isso Tibicuera faz uma ligação entre a voz do pajé e “uma caverna, cheia de escorpiões, cobras e morcegos” que se escondem no escuro, tampados certamente, não a sete chaves, mas disponível a quem buscar.

Sob o ponto de vista de Pereira, a memória é [...] a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações disponíveis tanto no cérebro como em outros mecanismos artificiais como, por exemplo (sic) a memória de um computador, ou nos documentos de arquivo. [...]

Sucintamente compreende-se que a memória é representada por meio de registros de informação, qualquer que seja o suporte em que está contida e que seja passível de recuperação (acesso); **aos fatos ou às ações registradas se atribui um significado o qual constitui a memória desses acontecimentos.** De acordo com Pereira “A

construção da memória está estreitamente vinculada ao acesso à informação, que por sua vez está vinculada à organização dos seus suportes materiais” (PEREIRA 2011, *apud* MERLO; KONRAD 2015, p. 20).

A partir da fala do feiticeiro dirigida aos guerreiros, o narrador declara que houve uma alteração na natureza. As nuvens foram se abrindo e as estrelas aparecendo uma a uma. Observa-se que o feiticeiro tinha a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações contidas em seu cérebro. À medida que expunha a memória, as coisas adquiriam significado, ou seja, ocorria ali, a construção da memória do povo tupinambá. Para os ouvintes, os novos guerreiros, como Tibicuera, tudo ficava mais claro, mais compreensível. Por exemplo, o que estavam por fazer, como guerrear contra os inimigos, tinha uma razão de ser e essa razão estava num acontecimento vivido no passado por seus ancestrais:

O pajé continuou: - o Goitacá (inimigo) traíçoeiro comeu a carne de nossos antepassados. Vingança! (VERÍSSIMO, 2005, p.23)

Depois de um discurso de cinco horas, eles procuram dançar, fazer rituais aos deuses para ter coragem de se vingarem e tomam uma bebida fervente, *cauim*⁷, que lhes fazia ferver por dentro, acendendo todos os nervos e, principalmente a adrenalina para sair e enfrentar a tribo inimiga. Tibicuera noticia: “... As fogueiras ardiam debaixo dos potes de cauim. (...) Perguntei, com um nó na garganta: - Mãe, mãe, quando chegará a hora? Quando? Estou fervendo como o cauim. Não posso esperar. (...) Também dancei e bebi.” Portanto, a dança e a bebida preparavam os guerreiros e quando se sentiam prontos, saíam para a batalha.

Antes dessa batalha, capítulo quatro, Tibicuera relata seu encontro com Anhangá. O Pajé havia lhe dito que ninguém pode com os espíritos maus: - “Anhangá entra no corpo dos guerreiros e os guerreiros ficam perdidos. Ai de quem encontrar Curupira no mato!” e diz que ao escutar isso seu coração acelerava e seus olhos ficavam

⁷ **Cauim entre os tupinambás**: A preparação de cauim (como outras tarefas de arte culinária) é um trabalho estritamente feminino, sem envolvimento dos homens. Pedacos finos de mandioca são fervidos até ficarem bem cozidos e se deixa esfriar. Então as mulheres e meninas se reúnem ao redor da panela; levam uma porção até a boca, mastigam bem, ensalivam e botam a porção em um segundo pote. [Enzimas](#) na [saliva](#) convertem essa pasta em açúcares fermentáveis (os homens acreditam firmemente que se eles fossem mastigar a pasta, a bebida resultante não seria boa). A pasta de raiz mastigada é repostada no fogo e é mexida completamente com uma colher de pau até cozinhar. Por fim, a pasta é colocada em grandes potes de barro, para [fermentar](#). Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cauim>>

esbugalhados de espanto. Conta que no encontro com Anhangá criou coragem e falou: “- Passa fora!” e este “soltou uma gargalhada: “Qua-quá-quá!”. Então:

O mato todo riu com ele. Riu de mim. Depois o diabo virou três cambalhotas no ar e rompeu a dançar com toda a velocidade em meu redor. Meus olhos escureciam. Eu mal e mal ouvia a voz de Anhangá berrando: - Ninguém pode comigo! Ninguém pode comigo! Nem Tupã! (...) E comecei a chorar de vergonha e de raiva (*Idem*, p.21).

Retomando a volta da guerra, Tibicuera encontra sua mãe que o aguardava sorridente, mas o Pajé lhe saúda com ironia, fazendo uma declaração afirmativa que o incomodava, pois revelava a ameaça que seu povo enfrentava geração após geração: “- Tibicuera é um valente! **Ah! Mas ele não pode com os gênios do mato.**” (p. 27).

Depois de várias guerras (tomado parte na vigésima guerra) e já ter caçado e vencido a décima segunda onça, Tibicuera conta: “andava eu muito orgulhoso dos meus músculos e de minha coragem.” Por esse tempo, ele passa por outra experiência de encontro com outro espírito mau do mato, capítulo dez:

Olhei para os pés da aparição. Eram torcidos, voltados para trás. Não havia dúvida. Era mesmo Curupira.

Aprontei arco e frecha e disparei o tiro. Pobre de mim! A frecha caiu a dois passos de meus pés, mole e sem força. Curupira matraqueava, matraqueava como um louco. Seus cabelos chispavam. Seu corpo era piorra. Seus olhos, dois vaga-lumes de brilho verde.

Fiquei tão assustado que saí a correr e a gritar. Cheguei sem fôlego e sem fala à taba. Os índios me cercaram. Deram-me cauim a beber.

Quando o pavor me deixou o corpo, pude dizer: - Pajé, não tenho medo de homem. **Que é que vou fazer para vencer os espíritos do mato?**

O feiticeiro sacudiu a cabeça.

- Ninguém pode com eles. Ninguém.

Agora não era mais o medo e sim a raiva que não me deixava falar (VERÍSSIMO, 2005, p.35,36).

Essa raiva era compartilhada por todo o seu povo e demais tribos. O pajé demonstrava não ter a solução para esse problema e isto deixava a todos impotentes diante destes seres que os amedrontavam.

3.4 Valores: Respeito aos mestres; União entre pais e filhos

No entanto, a áurea do livro está no capítulo onze, cujo título é bem sugestivo: **O Segredo do Pajé.**

O Pajé é respeitado numa tribo indígena. Ele é o conselheiro do Chefe e de todos que o procuram. O nome de Tibicuera foi dado pelo pajé, que o vendo triste, feio e calado quando criança lembrou-se de “cemitério”, que é o seu significado. E o que vem a ser cemitério? Cemitério é passado morto. Consequentemente, Tibicuera não tinha história, não conhecia a memória cultural de seu povo!

Eu gostava de visitar a oca do feiticeiro de nossa tribo. (...) Diziam que ele era mais velho que as árvores mais antigas do mato antigo. Conhecia todos os segredos da vida. Tinha remédio para todos os males.

O pajé gostava de mim. Eu gostava do pajé (VERÍSSIMO, 2005, p. 19).

Se o pajé “conhecia todos os segredos da vida”, ele é a memória viva de seu povo, e se tem remédio para todos os males, ele tinha remédio para a perda da memória cultural de Tibicuera. Sendo assim, Tibicuera fez amizade com o Pajé e sabia que tinha muito o que aprender com ele e foi em busca deste conhecimento.

A memória é a mente. Por isso, os desmemoriados são denominados sem mente. A alma vivifica o corpo; o ânimo exerce a vontade; Quando o conhecimento existe, é mente; Quando recorda, é memória; quando julga o reto, é razão; quando espira, é espírito; quando sente, é sentido. (SEVILHA, d. C. 560-636, XI, 1, 13)

E então, um dia que ficou para sempre na memória de Tibicuera, o pajé o chamou para ir até a sua oca e lá lhe revelou o enigma referente a vencer o tempo. Significativo foi o gesto que o pajé fez diante dele usando o dedo indicador da mão direita para bater na testa, dizendo que o remédio estava dentro da cabeça.



Figura 7: Ilustração do capítulo 11, “O Segredo do Pajé”, da edição de 1963.

... Tibicuera pode vencer o tempo. Tibicuera pode iludir a morte. O remédio está aqui. – tornou a bater na testa. - Está no espírito. Um espírito alegre e são vence o tempo, vence a morte (VERÍSSIMO, 2005, p. 22).

Aqui vemos um contraste com o nome próprio que o pajé havia dado a Tibicuera (cemitério), pois sua aparência era de uma pessoa tristonha. Mas Tibicuera não queria levar adiante aquela imagem e diz: “- Pajé... Tibicuera não quer ficar velho. **Ensina-me o remédio** para vencer o tempo, para enganar a morte. [...]” (VERÍSSIMO, 2005, p. 38, grifo nosso).

Este episódio na história faz-nos lembrar da pergunta feita por Tibicuera no capítulo 3, a qual ficou sem resposta naquela ocasião. Aqui o pajé aponta para a cabeça e diz como vencer a morte. O segredo revelado pelo pajé a Tibicuera vem dar-lhe a resposta da pergunta: “que era aquilo?” “o mistério da cabeça vazia”?

A cabeça não pode ficar vazia, sem vida! Isto é morte, destruição da sua memória!

Conforme o conselho do Pajé, ele teria de deixar de lado aquele ar de tristeza e de morte. O pajé continuou revelando seus segredos:

- O remédio está aqui dentro, Tibicuera. Não há feitiçaria. O pajé gosta de ti. Ele te ensina. Escuta. [...] Tibicuera pode vencer o tempo. Tibicuera pode iludir a morte. O remédio está aqui. – Tornou a bater na testa. – Está no espírito. Um espírito alegre e são vence o tempo, vence a morte. Tibicuera morre? Os filhos de Tibicuera continuam. O espírito continua: a coragem de Tibicuera, o nome de Tibicuera, a alma de Tibicuera. O filho é a continuação do pai. E teu filho terá outro filho e teu neto terá outros descendentes e o bisneto será bisavô dum homem que continuará o espírito de Tibicuera e que portanto *ainda será Tibicuera*. O corpo pode ser outro, mas o espírito é o mesmo. E eu te digo, rapaz, que isso só será possível se entre pai e filho existir uma amizade, um amor tão grande, tão fundo, tão cheio de compreensão, que no fim Tibicuera não sabe se ele e o filho são duas pessoas ou uma só (VERÍSSIMO, 2005, p. 38).

Revelação relevante acerca do povo indígena: Sabe-se que os indígenas preservam de forma espetacular suas lendas, costumes e tradições durante séculos, e isto através de uma transmissão oral de pai para filho há várias gerações. Porém, como isso é possível? Como isso se dá? Eis o segredo compartilhado pelo pajé: somente se for cultivada a amizade, o interesse um pelo outro (pai e filho), a ponto de dar atenção ao que o outro diz assimilar seus sentimentos e ser parceiro em todas as fases da vida, em

sonhos e desafios. O pajé conta e canta as histórias de seu povo para todos os filhos nascidos na tribo, de forma que eles mesmos transmitam essas mesmas histórias aos seus filhos, netos e seguintes gerações. Só agindo assim, nunca irão ser esquecidas por eles. Tibicuera seguiu o conselho do pajé. Amava seu filho e era amado por ele. Afirma que “às vezes passávamos ambos horas e horas um ao lado do outro, **conversando**” (Tradição oral) (*idem*, p. 47).

Contei-lhe os meus segredos. Ele aprendeu a nadar; a caçar; a fazer pinturas bonitas no corpo; a curar feridas produzidas por flechas envenenadas; a ser mais ágil que a onça, mais flexível que a cobra, mais impetuoso que o tapir (*Ibdem*).

Comunica que amou o neto do mesmo modo como amou o filho, sendo “uma cadeia de afeição, de compreensão, de camaradagem.” Diante disso, ele declara no capítulo quinze a seguinte nota:

E o resultado de tudo isso é estar eu hoje aqui, depois de mais de quatrocentos anos, sem saber se durante todos esses quatro séculos eu fui apenas *uma pessoa* ou uma série de pessoas do mesmo sangue, com o mesmo espírito (*idem*, p. 48).

Ou seja, ele prefere que o leitor aceite que só existiu um Tibicuera, pois no falar do Pajé “o filho é a continuação do pai. [...] O corpo pode ser outro, mas o espírito é o mesmo”. Tibicuera compreendeu tão bem essas palavras sábias que disse: [...] fiquei por longo tempo olhando para meu filho que dormia na rede. E eu me enxerguei nele, como se a rede fosse um grande espelho ou a superfície dum lago calmo (p. 39).” Este espelho manifesta uma profunda realidade entre Tibicuera e seus descendentes: foram tão unidos que não se sabe “se ele e o filho são duas pessoas ou uma só” (VERÍSSIMO, 2005, p. 38). Um grande espelho, reflete o que está diante dele sem falhas!

3.5 Heranças Religiosas

No capítulo seguinte a esse, ele reporta que viu a morte de perto. Perdeu-se no mato sozinho e Anhangá encheu o seu corpo de vaga-lume e seu corpo passou a irradiar uma luz esverdeada. Ele ficou atordoado e procurava tirar aquilo de cima dele. Acabou por entrar numa tribo distante e desconhecida, cuja língua lhe era estranha e com medo dele, começaram a gritar e a fugir dele gritando:

“Anhangá! Anhangá!”

Eu corria também, atordoado. Os vaga-lumes continuavam a piscar. O pajé da tribo desconhecida apareceu e começou a dançar a meu redor, dizendo palavras que eu não compreendia. De repente os vaga-lumes levantaram o voo. Caí no meio da ocara, pois os meus joelhos se dobraram de cansaço.

Vendo que eu era um homem como os outros, os índios me cercaram e me fizeram prisioneiro (p. 49).

Percebe-se aí, a constatação feita por Tibicuera do que o pajé lhe havia dito sobre o perigo de encontrar com Anhangá: “- Anhangá entra no corpo dos guerreiros e os guerreiros ficam perdidos. Ai de quem encontrar Curupira no mato!” Agora, de fato, esse encontro com Anhangá, lhe custaria a vida!

Levaram-me para o centro da ocara e me amarraram com fortes cipós a um poste. Acenderam fogueiras. Os índios puseram-se a dançar a meu redor. Eu só via caras ferozes, retorcidas de raiva. A água fervia em grandes potes em cima das fogueiras. Compreendi. Eu ia ser morto, cozido em água fervente, e devorado por aqueles homens! (p. 50).

Porém, naquele exato momento, surgiu um homem que se dirigiu ao chefe da tribo e falou algumas palavras que fizeram com que ele abaixasse a cabeça e dobrasse os joelhos em frente ao homem misterioso.

Era um homem branco, todo vestido de preto. Pareceu-me tão fraco que nem força tinha para erguer um tacape. Havia, porém, no rosto dele qualquer coisa que logo me conquistou. Um rosto amigo e ao mesmo tempo severo. Senti perto dele aquela mesma impressão esquisita que produzira em mim a grande cruz dos portugueses. Deve ser Tupã⁸ que desceu a Terra para me salvar – pensei (p. 50,51).

Nesta aventura, Tibicuera conhece o padre jesuíta José de Anchieta, que estava no Brasil para catequizar os índios. Era o ano 1554, na aldeia de Piratininga, São Paulo. Ali chegavam índios de todas as tribos e eram bem recebidos pelo padre que lhes falava de Deus, “no Deus único, que fez o Mundo e que o governa”. Tibicuera passou a admirar o padre e lhe acompanhar por onde fosse e quis aprender com ele o que tinha a ensinar. O episódio que passou de quase ter sido morto e comido pela tribo que o capturou, certamente trouxe grande admiração pelo padre que aconselhou o chefe desta tribo e ele foi liberto. Como índio, certamente passou a ver no padre uma espécie de pajé, pois somente um pajé poderia aconselhar o chefe e ser ouvido, pelo menos era assim na sua tribo. Além disso, o padre ensinava muita coisa importante e como

⁸ Trovão; entidade que, na mitologia indígena de língua tupi, é adorado como ser supremo: festa em louvor a Tupã. [História] Deus; nome que os jesuítas, no processo de catequização dos índios, davam a Deus, ao criador do universo.

procurava o pajé em seu povo para aprender com ele, também quis adquirir os segredos do pajé padre. Assim ele nos diz o que pensa do que estava acontecendo ali:

Chegavam até lá índios de todas as tribos. Entravam desconfiados, ariscos, olhando para os lados. Anchieta recebia-os como a um pai. E falava-lhes em Deus. No Deus Único, que fez o Mundo e que o governa.

Como havia índios de cabeça dura! Por mais que o santo padre falasse, por mais que gesticulasse, desse exemplos e riscasse figuras explicativas na areia – os indígenas não percebiam nada. Mas Anchieta não perdia a paciência (p. 53).

Neste relato, vê-se que a comunicação entre os portugueses catequistas e o povo de Pindorama era bem complicada. Complicada e complexa, pois se trata de duas culturas totalmente diferentes. Uma primitiva, com uma religião animista. A outra uma cultura com uma cosmovisão medieval cuja religião estava baseada em fatos históricos Cristãos.

Tibicuera, então, aproveita para saber sobre o que lhe incomodava e também seu povo:

E a pergunta que eu trazia presa no peito conseguiu derrubar o muro da minha timidez e saltou:

- Padre, o teu Deus é mais forte que Anhangá?

Anchieta sorriu.

- Muito mais.

- Mais forte que Curupira?

- Anhangá e Curupira não existem, meu filho. E Deus está em toda a parte.

- Mas eu vi, Padre, eu vi Curupira e Anhangá! Foi no mato. Ninguém pode com eles.

- Tu viste os espíritos do mato porque estavas cego. Cego é aquele que não conhece o Deus verdadeiro.

Eu sacudia a cabeça, teimoso como uma mula. Tinha visto os espíritos do mal que moravam na mata. Tinha, tinha e tinha.

-Só existe um Deus, senhor do Céu e da Terra. Os que creem nele não podem temer os gênios do mal.

Retruquei:

- As armas dos guerreiros não conseguem ferir os espíritos maus. Pajé me disse que ninguém pode com eles (p. 55-57).

Neste diálogo encontramos duas pessoas que possuíam vivências distintas: o padre era um teólogo, homem estudado, conhecedor da bíblia nas línguas originais, ou seja, o conhecimento espiritual de seus ancestrais. Tibicuera, nativo da terra

brasilis,⁹ que não conhecia as letras, porém tinha a experiência com o mundo espiritual, conforme sua cultura. Dois conhecimentos importantíssimos. Anchieta valorizava tanto esse conhecimento espiritual que renunciou todo o conforto do primeiro mundo para transmitir aos nativos deste mundo novo, a herança religiosa cristã. Tibicuera estava ávido por adquirir conhecimento! Aprendera com o pajé que tinha a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações. Durante aquele diálogo marcante na oca do feiticeiro, quando esse lhe disse: “- Não há feitiçaria. O pajé gosta de ti. Ele te ensina. Escuta. (...) [p.38]. Portanto, Tibicuera estava atento para que à medida que o padre expunha a memória dele, o seu conhecimento espiritual do mundo antigo, as coisas adquirissem significado na sua realidade de mundo novo, ou seja, ocorrendo ali, armazenamento e recuperação para a construção de uma nova memória, fruto da junção de dois conhecimentos díspares, no entanto, pode-se dizer complementares, tanto que fizeram sentido para um que estava à procura e, ao mesmo tempo, aberto a compreender a lição.

Anchieta me mostrou a cruz preta que trazia pendente do pescoço por um cordel de couro.

- Com esta arma vencerás os espíritos da floresta.

E me deu a cruz. Naquele mesmo dia entrei no mato. (Veríssimo, 2005, p.57).

A ansiedade de Tibicuera era tanta que ele queria saber se realmente era verdade o que ouvira do padre Anchieta. Foi para a mata. Para sua surpresa, não estava com medo. Gritou por Anhangá e Curupira. Ouvia um eco longe, mas que logo foi silenciado. Anoteceu e ele continuava no mato e gritou novamente chamando os espíritos maus. Novamente, silêncio total. Pensou que os espíritos maus haviam morrido.

Até que chegou o dia de Tibicuera partir. Na despedida, Anchieta lhe disse: “- Vai. Agora Tibicuera é cristão, conhece o Deus verdadeiro. Nada de mau lhe poderá acontecer”. (p. 59). Assim, Tibicuera teve acesso a uma memória antiga. A cruz reporta

⁹ "Águas são muitas: infindas". Essas poucas palavras foram ditas, ou melhor, escritas por Pero Vaz de Caminha à D. Manuel I, rei de Portugal no dia primeiro de Maio de 1500.

Terra brasilis, ao meu ver, são as terras aonde as águas banham uma terra diferente, uma terra aonde existiu fartura, aonde existiu pureza, aonde existiu a natureza em um espetáculo de beleza.

As terras brasilis, situadas além da rotina de navegação antes do seu descobrimento, era a terra do índio, da ingenuidade, da simplicidade.

Essa terra brasilis foi encontrada e transmutou-se em uma terra de diversidade, aonde brasilis significa uma parte do mundo, repartida e multiplicada em todas as suas formas de expressão.

Existe águas...infindas...mas a terra brasilis tem todas as facetas que o mundo permite, por isso tem um toque de paraíso...

Fonte(s): http://72.14.209.104/search?q=cache:lat36fcTFJMJ:www.klepsidra.net/klepsidra8/terrabrasilis.doc+Terra+Brasilis&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=5&lr=lang_pt

ao sacrifício de Jesus que ao morrer deu vida eterna a todo que nele crê, e enquanto aqui viver, tenha vida e não morte. O poder da cruz é tão grande que os espíritos foram vencidos!

No capítulo trinta, *Maurício de Nassau*, Tibicuera conta que: “o dia mais feliz dos que passei no palácio de Nassau foi o em que me foi dado abrir um dos ricos livros da biblioteca do conde. Era uma linda Bíblia com iluminuras (VERÍSSIMO, 2015, p. 86).

As sagradas letras declaram que os espíritos maus fogem da cruz:

Bendito serás ao entrares, e bendito serás ao saíres. O Senhor entregará, feridos diante de ti, os teus inimigos, que se levantarem contra ti; por um caminho sairão contra ti, mas por sete caminhos fugirão da tua presença (Deuteronômio 28: 6, 7). Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres (João 8.36)¹⁰.

Essa foi uma grande descoberta! Apesar das duas realidades representadas pelas figuras do padre e do índio, Veríssimo mostra que a mensagem do padre encontrou eco na necessidade do povo indígena. Duas realidades, que se completaram para quem estava em busca de conhecimento. Infelizmente, o padre não conhecia as categorias da cosmovisão indígena e não estava aberto para compreendê-la, assim como Tibicuera pôde tirar lições do que lhe era útil na cultura do outro. Conheceu o Deus que lhe dá vitória sobre as ameaças dos espíritos do mau. Ele teve acesso a essa memória e com a exposição desse conhecimento, os fatos explicados pelo padre trouxeram significado para sua angústia e para o sofrimento de seu povo. Conseguiu organizar essas informações e aplicá-las: Os espíritos maus significavam ameaça para suas vidas, morte. Agora com a cruz, livre do medo, do pavor que eles lhe impunham, nova vida! Deixará memória para seus descendentes de libertação e, daqui para frente haverá esperança de que seus descendentes perpetuarão sua memória, pois os inimigos espirituais foram derrotados!

Mas Tibicuera declara em sua partida: “Achei que não podia ficar o resto de minha vida agarrado à batina de Anchieta, como um filho mimado” (VERÍSSIMO, 2005, p. 59). Tomou a atitude de seguir em frente, sendo ele mesmo, Tupinambá, no entanto, já aculturado em muitas coisas como termina o capítulo nos reportando que “já não ia mais seminu como os selvagens. Levava roupas iguais às dos colonos portugueses. Trazia por baixo da camisa a cruz preta que Anchieta me dera” (VERÍSSIMO, 2005, p. 59).

¹⁰ <https://www.bibliaonline.com.br/nvi>

3.6 Meio de transmissão cultural

Em vários capítulos do livro, o autor indica a leitura de bons livros e autores para conhecer o mundo e seus avanços. Ele mesmo cita grandes autores e grandes cientistas que teve o privilégio de conhecer através da leitura. Tibicuera recomenda: “Um conselho: procurem ler um bom compêndio de literatura” (VERÍSSIMO, 2005, p.176).

Com frases semelhantes a essa: “Foi por esse tempo que passei a amar de verdade os livros” (p. 93); “Eu e os livros” (título do capítulo 48); “eu tinha comprado alguns livros e era de novo feliz com meus poetas, os meus romancistas e os meus filósofos.”(p. 127), que este livro vem incentivar o público infantil à leitura.

No capítulo 63, “Reencontro com os livros” Tibicuera declara que “Estudei literatura. Aprendi muita coisa interessante.” Estas declarações são relevantes para o propósito de incentivar e dar exemplo às novas gerações de que a leitura é um dos mais importantes meios de adquirir conhecimento e sabedoria para “vencer o tempo”, na sociedade em que vivemos atualmente. Tanto é verdade que o descendente de Tibicuera, que em 1942 morava em Copacabana, utiliza esse meio para se tornar um civilizado, mas com o mesmo espírito de seus antepassados, conhecedor de seus costumes, suas tradições e lendas, apesar do tempo que os separa.

Sem memória, hoje, nossa civilização caminha desnordeada, pois não conhece seu passado, não tem consciência em seu presente, e não projeta perspectiva no futuro. Urge retomá-la, à luz da História, com **vontade, entendimento** e, sobretudo **benevolência**, e dar novamente um sentido à nossa existência nesse mundo (COSTA, 2007, p. 12)

Nos capítulos seis (A vitória) e sete (Serenata para as estrelas), Tibicuera abre parênteses para transportar o leitor do passado distante para o tempo presente no qual ele escreve:

(Agora, sentado aqui numa boa poltrona, no estúdio de meu apartamento de Copacabana – **onde escrevo esta história -, eu sorrio ao me lembrar de meus pensamentos de selvagem.**)

(No momento em que descrevo esta cena, estou no ano de 1942... Olho para a minha máquina de escrever portátil e para as minhas mãos agora cuidadas e custa-me acreditar que estas mesmas mãos já empunharam armas brutais, já feriram, já derrubaram cabeças... Sinto algo estranho...)

(Assim pensava eu no **ano de 1490**) (VERÍSSIMO, 2005, p. 25,26, grifo nosso).

De 1490 para 1942, várias gerações se passaram... E Tibicuera está escrevendo a história de seu povo! São quatrocentos e cinquenta e dois anos depois! O descendente de Tibicuera de 1942 vive uma realidade diferente de seus antepassados, pois com o passar do tempo o progresso e a modernidade chegaram. A questão está se as famílias deste povo Tupinambá seguiram o segredo do pajé. Transmissão de geração em geração, independente do meio a ser usado para permanência dos valores e costumes milenares.

No encontro com o outro, com outra cultura, há apropriação e reemprego do que lhe foi revelado.

O personagem Tibicuera soube ouvir o outro e reagir àquelas palavras carregadas de significado que tiveram ressonância em seu viver e de seu povo. Desta forma, o discurso histórico do Brasil nesta obra, age em duas frentes:

A alegoria, entretanto, embora tenha grande parte das vezes essa função de instrumento ideológico de manutenção de um determinado *status quo*, ela pode ter a função exatamente contrária, funcionando não como convenção, como linguagem da repressão, mas como “alteridade”, tendendo a ser “a linguagem da subversão (da mudança da ordem estatuída). Nesse sentido, como o ‘outro’, pode corresponder ao afloramento do reprimido da história, trazendo consigo as marcas da repressão.” (Kothe, 1986, p. 67). Dessa forma, notam-se duas funções antagônicas para a alegoria. Se por um lado ela confirma o discurso da história, se ela reforça a dominação dos vencedores, dando mais uma vez voz a eles, ela também pode dar voz ao outro lado, aos perdedores da história (RODRIGUES, 2012, p.13).

O autor, engenhosamente, soube trazer a história do Brasil aos alunos da faixa de 10 a 15 anos, como também e ao mesmo tempo, consegue dar voz ao índio, que simboliza o povo dominado e que até então não tinha voz.

Érico Veríssimo, que é o autor da obra em destaque, venceu uma das categorias, porque seu livro, sintonizado com o projeto de literatura infantil do Estado Novo, era protagonizado pelo índio, símbolo da identidade do povo brasileiro, além do que também garantia na sua história de quatrocentos anos as bases e o desenvolvimento da formação religiosa e cívica do povo brasileiro. E eram esses aspectos que o governo valorizava e pretendia enaltecer na escola (ZUGNO, 2006, p.55).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária infantil “As aventuras de Tibicuera” foi escrita com o objetivo de ser um livro didático, encomendado pelo governo Vargas, no período político do Estado Novo. A intenção era inculcar nos futuros cidadãos brasileiros valores e costumes cultivados pela sociedade que nasceu com a data do dito descobrimento do Brasil, contada pelos historiadores. Isto porque o governo do Estado Novo sentia-se ameaçado com a ideologia comunista que corria mundo na época.

O livro foi vencedor num concurso realizado pela comissão do Ministério da Educação, pois abarca em seu conteúdo o apreço pela união familiar; o respeito pelos mestres, retratados aqui pela figura do pajé; a religião cristã cujos princípios se encontram no livro dos livros, a bíblia; os fatos históricos da pátria desde os anos de 1490, com suas guerras e seus heróis ilustres e a atitude de conformidade e paz com o sistema de governo vigente.

Logo, a finalidade última seria preservar a memória cultural brasileira nas gerações seguintes. Contudo, encontramos no discurso literário a voz de um representante indígena, pertencente ao povo Tupinambá, o Tibicuera. Ele faz um relato de todos os acontecimentos desde que se entende por gente, quando seu povo aqui vivia livre em suas terras até quando o livro é publicado, século XX.

Inicia narrando sua experiência de vida dentro da cultura tupinambá. Verifica-se que seu crescimento, o conhecimento de si e da realidade vivida por seu povo perpassa pela interação com sua família, com o pajé que lhe dá um nome e revela segredos para viver além do seu tempo. Ele consegue captar o sentido do que lhe é dito e se projeta nos filhos, netos, bisnetos e tataranetos para “vencer o tempo” e continuar vivendo no mesmo “espírito” de Tibicuera, ainda que em outro corpo.

Este segredo revelado pelo pajé a Tibicuera foi a salvação para a cultura indígena se perpetuar os cinco séculos decorrentes desde então, pois existe ainda em nossos dias, a reserva dos Tupinambás ao sul da Bahia, com o nome de Tupinambás de Olivença.¹¹

¹¹ Ainda que os Tupinambá de Olivença se considerem muitas vezes “caboclos” ou mesmo “índios civilizados”, isso nunca significou um abandono de sua condição indígena. O Estado retirou-lhes os direitos indígenas diferenciados a partir do fim do século 19, em função das visões restritivas que os órgãos oficiais tinham a respeito de quem era ou não indígena. Foi

No ano de 1500, ele narra a chegada de outro povo em Pindorama. Para os tupinambás a globalização teve seu início ali, pois logo após os portugueses, seguiu-se a vinda também de franceses, holandeses, ingleses, espanhóis, alemães etc.

A partir daí, Tibicuera se depara e se refrata perante outras vozes: a voz do pajé padre por quem é catequizado, a voz do pajé Maurício de Nassau com quem adquire acesso aos livros, que lhe descortinam o mundo existente além mar com seus avanços científicos e interesses exploratórios, e acesso principalmente ao livro dos livros, a Bíblia.

Na fala de um descendente de Tibicuera, já em 1942, em um apartamento em Copacabana, denota a existência na narrativa de dois tempos: o passado e o presente coexistindo. Nesta data vê-se Tibicuera aculturado, adaptado à nova cultura, procurando viver uma suposta paz com a cultura dominante. Quando diz que a prova é ele estar ali escrevendo sobre o seu povo de origem, quer dizer que não esqueceu sua cultura, não a rejeitou, mas sua atitude foi de conciliar até onde lhe é possível, usufruindo do progresso e avanços que são inevitáveis.

O pajé de sua tribo denominou de “diversão” o que os invasores estavam trazendo. Era impossível impedir a vinda de outras culturas e a contraposição com elas! Vivenciamos esse fato atualmente com a globalização tecnológica que tornou o mundo pequeno, contrapondo o local com o global. Naquela época foi o avanço das navegações.

Tibicuera, como representante do povo indígena de Pindorama, os verdadeiros donos desta terra, foi dominado e sua cultura, de certa forma, teve que dar lugar à cultura do descobridor.

Mas o seu descendente não abriu mão de seu povo, de sua cultura ainda que muitos tenham escolhido morar próximo à cidade, se aculturando à nova cultura. Outra parte do povo, porém, tomou a atitude de se isolarem e continuarem com sua própria forma de pensar e fazer as coisas herdadas dos antepassados.

somente com a Constituição de 1988 que se criou abertura legislativa para que as solicitações dos Tupinambá de Olivença, e de outros povos, fossem ouvidas e pudessem ter respaldo. Em 2001, os Tupinambá de Olivença foram reconhecidos oficialmente como indígenas pela Funai. A primeira fase de demarcação do seu território concluiu-se em abril de 2009 com a publicação do resumo do relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Tupinambá de Olivença.

Fonte:

https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tupinamb%C3%A1_de_Oliven%C3%A7a

Tibicuera, protagonista da ficção escrita de Érico Veríssimo, se faz presente e usa do discurso literário para “ser parte integrante de uma discussão ideológica”, segundo palavras de Bakhtin/Volochinov (1981, p. 123). Veríssimo insere em sua narrativa histórico-cultural, naquele momento social em que a pátria atravessava, as vozes que fizeram parte desse período histórico retratado e o embate entre elas, sendo que a cultura que chega procura calar as primeiras vozes aqui existentes. Essa foi a oportunidade de mostrar que o índio “venceu o tempo” e sua cultura continua viva nos tibicueras que se perpetuaram. Mostrar que os tupinambá possuem conhecimento, pois se dão ao processo de interpretar o mundo com base em elementos significativos e valorativos encontrados em sua tradição de grupo linguístico.

Sim, valeu a investida audaciosa de Érico Veríssimo. O autor foi um pioneiro em querer contar a verdadeira história de um povo, mas na realidade nos dias em que vivia era lhe impossível. No entanto, se lá havia a voz do dominador ele deu a voz também ao dominado. Valeu-se da ironia, que na literatura, possibilita a dupla interpretação gerada pela ambiguidade do enunciado, conforme Betty Brait (2009).

Nesta última semana de junho (2018), a Revista *SUPER Interessante* trouxe em sua capa a manchete ‘HISTÓRIA BRASILIS’ e publicou várias reportagens com o tema “Uma nova história do Brasil”. Explica que a partir de 1990, vencido o tempo da ditadura militar, os historiadores foram a campo e novas versões sobre a história do Brasil são vindas à tona. Não só a do Brasil, mas também como viviam nossos indígenas antes da chegada dos descobridores.

Pode-se destacar um paralelo entre o povo indígena e o povo brasileiro. No primeiro a transmissão se dava, e continua até os nossos dias, por intermédio da transmissão oral. As novas gerações se responsabilizam de passar o legado recebido de seus pais, transmitindo sua herança em forma de costumes, crenças e conhecimentos ancestrais aos seus filhos.

Já no que se refere ao povo brasileiro, com quem Tibicuera teve a contraposição cultural, essa transmissão se faz através dos livros, da literatura!

Posto isto, o livro de Erico Veríssimo “As aventuras de Tibicuera”, que relata as tradições, costumes e crenças dos Tupinambás, inserido na sociedade atual, pode ser considerado um pajé, sendo que a memória de povo está se perpetuando a cada leitura e se preservando através dos anos!

Mas esse preservar que no início pensava-se ou pretendia-se sem mudanças do que foi primitivamente, com a pesquisa trouxe um novo olhar, um novo conhecimento a

ser refletido: que a cultura não é estática. Os contatos com outras visões de mundo geram atitudes de aquisição do que se concebem como melhores hábitos, melhores ideias ou crenças e rejeição do que não lhes confere sentido. As inovações serão transmitidas aos descendentes, sem deixar que seus símbolos, línguas, crenças deixem de expressar seus conhecimentos e elementos valorativos. No entanto, as mudanças enfrentam a resistência para sua própria sobrevivência. Sem mudanças, sem adaptações a cultura não progrediria, paralisaria.

Constata-se que nesta obra “As aventuras de Tibicuera”, mesmo com tanto tempo decorrido, não houve perda da memória do povo Tupinambá. Há sim a conservação desta memória, sendo que a cultura acompanha o progresso que chega e naturalmente assimila novas idéias no contato com outras culturas.

É natural que com os quatrocentos anos decorridos tenha ocorrido alteridade e aculturação, tanto na cabeça do personagem, como também na cabeça daqueles que estiveram ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. **Navio negroiro**. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegroiro.htm>
Acesso em: 10 jun. 2018
- ARAÚJO COSTA, Maise Aires de *ET ALL*. **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO E A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/.../TRABALHO_EV073_MD1_SA8_ID4851_06092017...
Acesso em: 20/06/2018
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/78264768/Bakhtin-Teoria-Enunciado>
Acesso em 09/07/2018.
- BRAIT, Betty. **Bakhtin: dialogismo e polifonia** - São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/bakhtin-dialogismo-e-polifonia/artigo/ba332195-aab6-435f-aa2f-8310ab0de040> Acesso em: 06/07/2018.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Literatura e estudos culturais*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003, p. 319-325. Disponível em: <https://revistaditoefeito.wordpress.com/2017/12/07/texto-1/> Acesso em: 02/06/2018
- CHARTIER, Roger. **Em entrevista**: Acervo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v.8, n.1-2, 1995.
- CORRÊA, Carlos Humberto Alves (2007). *Notas de estudo: a história cultural e as possibilidades de pesquisar a leitura*. Linha mestra, ano 1, n. 2, mai./jun. Disponível em: <http://goo.gl/bPHQ26> Acesso em: 30 Jun. 2018.
- COSTA, Ricardo. *História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado*. In: **SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro. 2007. p. 02-15.
- DALVI, Maria Amélia . **Literaturas e infâncias: pesquisa (d)e pós-graduação como espaço político**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*
On-line version ISSN 2316-4018 **Estud.** **Lit.**
BrasContemp. no.46 Brasília July/Dec. 2015
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018469>
Acesso em 30/06/2018
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GERHARDT, T. E., & SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 2009.

GOMES, L. G. F. F. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998. 137 p., 21 cm. (Coleção Antropologia e Ciência Política, 15). Bibliografia: p. 131-132. ISBN 85-228-0268-8.

IBICT. **Manual de normas de editoração do IBICT**. 2. ed. Brasília, DF, 1993. 41 p.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **São Paulo de Vincenzo Pastore**: fotografias: de 26 de abril a 3 de agosto de 1997, Casa de Cultura de Poços de Caldas, Poços de Caldas, MG., 1997. 1 folder. Apoio

JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1996. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/860>
Acesso em: 22 Jun. 2018.

MARCHI, Diana Maria. A Literatura Infantil Gaúcha: uma história possível. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

_____. Érico Veríssimo: profissão, escritor. In: Ciências e Letras. Porto Alegre, n. 38, jul/dez 2005, pp. 147-162. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10950/1/2014_dis_ftsmota.pdf

Acesso em: 28/06/2018

MERLO, Franciele; KONRAD, Glaucia Vieira Ramos Konrad. **Documento, história e memória**: a importância da preservação do patrimônio documental para o acesso à informação.

Inf. Inf., Londrina, v. 20, n. 1, p. 26 - 42, jan./abr. 2015. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/informacao/> Acesso em 22/Jun. 2018

NAVA, Pedro. **Baú de ossos** (Memórias/1). 7ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

_____. Galo das trevas – As doze velas imperfeitas (Memórias/5). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1987.

PEREIRA, Fernanda Cheiran. **Arquivos, memória e justiça**: Gestão documental e preservação de acervos judiciais no Rio Grande do Sul. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10183/31152>

Acesso em: 21 jun 2018

Porto, Patrícia de Cássia Pereira. NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS: MEMÓRIA E LITERATURA. *Revista Contemporânea de Educação* N °12 – agosto/dezembro de 2011

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/issue/view/175>

Acesso em: 29/06/2018

RODRIGUES, Isadora Almeida. **LITERATURA E MEMÓRIA**: LIMA BARRETO E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NACIONAL. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo - Dossiê*, Janeiro de 2012 – ISSN 1679-849X Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/> Acesso em: 15/06/2018

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **Cultura. Qual é o conceito de cultura? - Mundo Educação**. 2015. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/.../conceito-cultura.htm> Acesso em: 30/06/2018

SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994. *Apud Ricardo Costa, História e Memória: a importância da preservação e da recordação do passado. In: SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais. Out, 2007*

SOUZA MOTA, Francisco Thiago de. O LIVRO COMO OBJETO MATERIAL. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371158556_ARQUIVO_OLIVROCOMOOBJETOMATERIAL-anpuh2013 -UFC.pdf Acesso em 29/06/2018

SANTOS, Célia Regina dos; WIELIWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.

VERÍSSIMO, Erico. **As aventuras de Tibicuera**. Ilustrações Rodrigo Rosa – 32 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÍSSIMO, Erico. **Solo de Clarineta: memórias**. Tomo I. – 15 ed. – Editora Globo S.A. - 1978.

ZUGNO, Ana Lucia Ioppi; FRITZEN, Celdon . **A Literatura Infantil no Estado Novo: Usos Pedagógicos e Políticos..** In: *VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, 2006, Uberlândia, MG, 2006.

_____, **Usos da Literatura infantil no Estado Novo: Casos de as Aventuras de Tibicuera**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense.